

Violência contra mulher: concepções e práticas das trabalhadoras sexuais à luz da mandala dos saberes

Kelly Cristina do Nascimento¹

Ana Emília Alcântara de Avelar²

Fábia Maria de Lima³

Flávia Alves Delgado⁴

Maria do Socorro Alcício Barbosa⁵

Renata Cristina Beltrão de Lima⁶

Tereza Natália Bezerra de Lima⁷

Betânia da Mata Ribeiro Gomes⁸

RESUMO

A violência contra as mulheres se apresenta de diversas formas e não há distinção entre as classes sociais, os agressores em sua maioria são cônjuges ou familiares, isto é, pessoas do seu convívio. No entanto, as profissionais do sexo, inevitavelmente, são mais expostas à violência, tanto pelo preconceito existente devido à sua profissão, quanto pela a atividade laboral, no qual sofrem ameaças constantemente. Portanto, faz-se necessário abordar a temática através da Educação Popular em saúde, como forma de disseminação do conhecimento e empoderamento dessa população. Assim, o presente estudo objetiva relatar as concepções e práticas acerca da violência contra a mulher trabalhadora sexual, à luz da Mandala dos Saberes. Trata-se de um relato de experiência, de uma ação realizada em maio de 2022, em um bar situado no centro de João Pessoa,

¹ Doutoranda em Enfermagem pela Universidade de Pernambuco - UPE. Mestra em Ergonomia pela UFPE, especialista em Educação em Saúde pelo Sírio Libanês, especialista em Enfermagem do Trabalho pela FIP, especialista em Saúde Mental pela FIP, especialista em Urgência e Emergência pela UFSC, especialista em Auditoria em Saúde pela UNCISAL.

² Enfermeira. Bacharel em Enfermagem pelo Centro Universitário de João Pessoa (UNIPÊ-2019). Pós-Graduada em Pediatria e Neonatologia pelo Centro de Formação, Aperfeiçoamento Profissional e Pesquisa (CEFAPP-2021). Mestre em Enfermagem pelo Programa Associado de Pós-Graduação em Enfermagem (UPE/UEPB-2023).

³ Graduação em Enfermagem pela Universidade Federal do Piauí (1997), mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde - Universidade de Pernambuco (2009) e Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Neuropsiquiatria e Ciências do Comportamento - UFPE (2015). Especialista em Gerontologia, titulada pela SBGG.

⁴ Acadêmica do Bacharelado em Enfermagem na Faculdade de Enfermagem Nossa Senhora das Graças da Universidade de Pernambuco (FENSG - UPE).

⁵ Graduação em Enfermagem pela Universidade Federal de Alagoas (1988) e mestrado em CIÊNCIAS DA SAÚDE pela Universidade Federal de Alagoas (2009), doutoranda em Enfermagem pela Universidade de Pernambuco.

⁶ Acadêmica do Bacharelado em Enfermagem na Faculdade de Enfermagem Nossa Senhora das Graças da Universidade de Pernambuco (FENSG - UPE).

⁷ Mestrado em Enfermagem pelo Programa Associado de Pós-graduação em Enfermagem pela UPE-UEPB (2021-2023). Pós-graduação nível Residência Multiprofissional em Saúde Coletiva FCM-UPE, no período de março de 2016 até março de 2018. Graduação no curso de Licenciatura e Bacharelado em Enfermagem pela Universidade Estadual da Paraíba, UEPB, (2014).

⁸ Graduada em Enfermagem pela Faculdade de Enfermagem Nossa Senhora das Graças da Fundação de Ensino Superior de Pernambuco (FESP-UPE) (1990), Mestrado em Hebiatria-Determinantes Sociais de Saúde na Adolescência pela UPE (2007), Doutorado pelo Programa Interunidades de Doutoramento Enfermagem da EE e EERP Centro Colaborador da OMS para o Desenvolvimento da Pesquisa em Enfermagem / USP (2012).

Paraíba, com dezesseis trabalhadoras sexuais. Os resultados evidenciaram o impacto de violência na vida da profissional do sexo, bem como, a importância de ampliar a discussão sobre a temática, a fim de conscientizar a população acerca dos problemas identificados. Logo, o estudo fornece subsídios para elaboração de políticas públicas e ações que corroborem com o enfrentamento da violência. Como também, possibilitou a troca entre discentes e sociedade, contribuindo com a formação de profissionais comprometidos com o social, uma vez que os aproxima da realidade.

Palavras-chave: violência sexual; profissionais do sexo; educação em saúde.

Violence against women: conceptions and practices of sex workers in the light of the mandala of knowledge

ABSTRACT

Violence against women comes in different forms and there is no distinction between social classes, the aggressors are mostly spouses or family members, that is, people they live with. However, sex workers are inevitably more exposed to violence, both because of the existing prejudice due to their profession and because of their work activity, in which they are constantly threatened. Therefore, it is necessary to approach the theme through Popular Education in health, as a way of disseminating knowledge and empowering this population. Thus, the present study aims to report the conceptions and practices about violence against female sex workers, in the light of the Mandala dos Saberes. This is an experience report, of an action carried out in May 2022, in a bar located in the center of João Pessoa, Paraíba, with sixteen sex workers. The results showed the impact of violence on the sex worker's life, as well as the importance of broadening the discussion on the subject, in order to make the population aware of the identified problems. Therefore, the study provides subsidies for the elaboration of public policies and actions that support the confrontation of violence. It also enabled the exchange between students and society, contributing to the training of professionals committed to the social, since it brings them closer to reality.

Keywords: violence against women; sex workers; health education.

Violencia contra la mujer: concepciones y prácticas de las trabajadoras sexuales a la luz del mandala del conocimiento

RESUMEN

La violencia contra la mujer se presenta en diferentes formas y no hay distinción de clases sociales, los agresores son en su mayoría cónyuges o familiares, es decir, personas con las que conviven. Sin embargo, las trabajadoras sexuales están inevitablemente más expuestas a la violencia, tanto por el prejuicio existente debido a su profesión como por su actividad laboral, en la que son constantemente amenazadas. Por lo tanto, es necesario abordar el tema a través de la Educación Popular en salud, como forma de diseminación del conocimiento y empoderamiento de esta población. Así, el presente estudio tiene como objetivo relatar las concepciones y prácticas sobre la violencia contra las trabajadoras sexuales, a la luz del Mandala dos Saberes. Este es un relato de experiencia, de una acción realizada en mayo de 2022, en un bar ubicado en el centro de João Pessoa, Paraíba, con dieciséis trabajadoras sexuales. Los resultados mostraron el impacto de la violencia en la vida de la trabajadora sexual, así como la importancia de ampliar la discusión sobre el tema, con el fin de sensibilizar a la población sobre los problemas identificados. Por lo tanto, el estudio proporciona subsidios para la elaboración de políticas públicas y acciones que apoyen el enfrentamiento de la violencia. También permitió el intercambio entre los estudiantes y la sociedad, contribuyendo a la formación de profesionales comprometidos con lo social, ya que los acerca a la realidad.

Palabras clave: delitos sexuales; educación en salud; trabajadores sexuales.

INTRODUÇÃO

A violência contra as mulheres se refere a qualquer ato de violência que cause ou há iminência de causar danos ou sofrimentos físicos, sexuais ou mentais, até mesmo ameaças de tais práticas, coação ou privação de liberdade, tanto na esfera pública quanto na privada (Krug *et al.*, 2002).

As vítimas são de todas as classes econômicas, raça e etnia, não existe uma distinção, o cenário da ocorrência é, por muitas vezes, a sua residência, a violência viola os direitos humanos, como o direito à saúde, à vida e a integridade física. Os agressores em sua maioria, são pessoas do seu convívio e companheiros, no qual existe uma relação de poder e submissão, em que as mulheres ocupam uma posição de subalternidade, construída histórica e culturalmente (Brasil, 2011; Fagundes; Torman, 2022).

Nesse contexto, com o objetivo de reduzir e prevenir a violência contra as mulheres, bem como, estabelecer ações voltada à assistência e proteção, além da adoção de penas mais rigorosas para os agressores, foi criada a Lei Maria da Penha, nela estão presentes as definições dos vários tipos de violência, sendo elas: psicológica, física, patrimonial, moral e sexual. Desse modo, percebe-se que a violência contra as mulheres afeta de diversas formas o processo saúde-doença. Portanto, a atenção à saúde dessas mulheres deve envolver uma equipe multiprofissional e multidisciplinar, com vista a contemplar sua integralidade e singularidade, incluindo os diversos segmentos sociais (Brasil, 2006; Souza, Rezende, 2018).

Frente a isso, as profissionais do sexo encontram-se mais expostas aos tipos de violência, devido a estigmatização da sua profissão, além do ambiente de trabalho. Apesar de ter sua atividade profissional registrada na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) desde 2002, a qual define que elas trabalham de forma autônoma, tanto em lugares públicos quanto em privados, atendendo e acompanhando clientes homens e mulheres, de diversas orientações sexuais, seus direitos nem sempre são respeitados (Brasil, 2010; Moreira; Monteiro, 2012; Noronha; Junqueira, 2017).

Entre as formas de violência contra as mulheres, no caso das trabalhadoras sexuais, as mais presentes em seus atendimentos são a violência sexual, física, verbal e psicológica, principalmente quando a vítima não quer realizar o programa, quando o cliente não quer usar camisinha, pagar o programa e nem cumprir com o que foi previamente acordado. Diante dessas situações, os agressores fazem uso da violência ou mesmo ameaças com o objetivo de coagir a vítima a realizar o programa contra a sua vontade (Noronha; Junqueira, 2017).

Como forma de conscientizar esse público acerca das diversas formas de violência, é importante a realização de Educação Popular em Saúde (EPS). Logo, a Política Nacional de

Educação Popular em Saúde (PNEP-SUS), vem justamente com essa perspectiva, incluir a participação popular no processo de construção da aprendizagem, para que o público possa desenvolver a criticidade e autonomia (BRASIL, 2013).

Neste cenário, uma ferramenta que possibilita promover a EPS é a Mandala dos Saberes, um projeto de extensão que utiliza a metodologia ativa, com isso, permite a inclusão popular no processo de construção do conhecimento. Além disso, aproxima a universidade e sociedade, no qual há uma construção mútua do conhecimento e, principalmente, o empoderamento dos grupos mais vulneráveis socialmente (Brasil, 2007; Martins; Barschak; Gutierrez, 2023). Assim, este artigo tem como objetivo relatar as concepções e práticas acerca da violência contra a mulher trabalhadora sexual, à luz da Mandala dos Saberes.

MÉTODO

O presente trabalho consiste em um relato de experiência, de abordagem qualitativa, referente a uma atividade de educação em saúde desenvolvida por alunas de graduação do curso de enfermagem, mestranda e doutoranda do Programa de Pós-Graduação Associado em Enfermagem da Universidade de Pernambuco e Universidade Estadual da Paraíba (UPE/UEPB).

Trata-se do recorte da tese em andamento intitulada: Vulnerabilidades e agravos à saúde da trabalhadora sexual, decorrente da sua ocupação laboral, a partir da perspectiva de familiares. Através dessa tese surgiu o projeto de extensão Educação Popular em Saúde, chamado Mandala dos Saberes. O projeto de tese foi submetido a Plataforma Brasil e aceito para análise pelo Comitê de Ética de Pesquisa-CEP sob nº CAAE: 56046322.3.0000.5192, proponente da Fundação Universidade de Pernambuco.

As ações a serem desenvolvidas foram planejadas com antecedência, no qual houve uma discussão entre as autoras e as profissionais do sexo, diante da identificação das necessidades dessas profissionais, o tema escolhido foi a violência contra a mulher percepções e práticas das trabalhadoras sexuais, o mesmo foi proposto pelas profissionais do sexo, através da solicitação da coordenadora da Associação das Profissionais do Sexo da Paraíba (APROSPB).

O cenário de estudo, a atividade de Educação em Saúde - Mandala dos Saberes foi realizada no dia 03 de maio de 2022, teve início às 10:00 horas e término às 14:00, com duração de 4 horas, o local da ação foi um bar situado no centro de João Pessoa, estado da Paraíba. Participaram dezesseis (16) trabalhadoras sexuais, do sexo feminino, com faixa etária entre 20

e 60 anos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para realização da atividade de EPS através da Mandala dos Saberes foi planejado quatro momentos a ser executado em um único encontro, como detalhado a seguir:

Primeiro momento: Quem sou eu? As participantes foram orientadas a se sentarem em círculo e, que ficassem à vontade para sua auto apresentação, falando o nome de trabalho ou de nascimento, idade, se tinha filhos, netos e o tempo de profissão.

Segundo momento: Conhecendo a Mandala - As discentes explicaram o que é a EPS, que se refere a uma prática voltada à promoção, proteção e a recuperação da saúde a partir do diálogo entre a diversidade de saberes, valorizando os saberes populares, a ancestralidade e a produção de conhecimentos. Na sequência explicaram sobre a Mandala dos Saberes, o que é e qual o significado dela, explicaram que a mandala é feita de um tecido no formato de círculo, com 2 metros de diâmetro e cores alegres, ela é composta de oito pilares: o ancestral, o presente, o intuitivo, o espiritual, o cultural, o histórico, o humano e o popular, todos os pilares foram explicados. No centro da mandala é colocado o título ou tema, ao redor em toda sua circunferência são colocadas as imagens referentes a temática que a comunidade escolheu. O tema escolhido por elas foi a violência contra a mulher: concepção e práticas das trabalhadoras sexuais, conforme cada pilar era anunciado, as participantes tinham vez e voz para se expressar, perguntar, discutir sobre o tema e fazer valer o seu protagonismo.

Terceiro momento: Violência contra a mulher, na percepção e prática das mulheres – As mediadoras ao anunciar cada pilar: o ancestral, o presente, o intuitivo, o espiritual, o cultural, o histórico, o humano e o popular, as profissionais do sexo os correlacionaram à violência sexual. Nesse momento iniciou-se o diálogo para a construção da autonomia e liberdade das falas das profissionais do sexo presentes no grupo:

Ancestral

Minha me disse que quando novinha tinha uns 13 anos foi abusada por um tio, minha mãe também quando tinha uns 15 anos um parente “futucou” nela, e eu por duas vezes fui abusada por familiares, ou seja, passa os anos e essa violência doméstica nunca deixa de existir, ninguém nunca denunciou ninguém porque era da família.”

“Essa cultura do estupro e violência contra mulher é antiga, veio desses homens machistas, eu acho que me tornei “sapatão” diante tanta violência que sofri em casa, hoje vivo com uma mulher, porque no passado sofri muito nas mãos dos homens, hoje sou feliz com minha nega.”

Presente

“Atualmente ainda bem que a mídia dá ênfase aos casos de violência contra a mulher, muitos crimes que passam na televisão nos telejornais, nas redes sociais, ou que

ouvimos falar que aconteceu na nossa rua, no nosso bairro, no ambiente de trabalho, são crimes bárbaros de feminicídio, casos recorrentes, não estão respeitando a Lei Maria da Penha.”

“Tem dois dias que eu acertei com o cliente tudo na mesa do bar direitinho, quando fomos para o quarto, ele tentou fazer o que não foi combinado, isso pra mim é estupro, na mesma hora empurrei ele, e chamei a direção do bar.”

Intuitivo

“Nós trabalhadoras do sexo somos intuitivas, percebemos logo quando um cliente quer tentar algum tipo de violência, eu me defendo logo, grito e peço ajuda!”

“A intuição é muito forte de acordo com os anos de trabalho, quando a gente é novinha na profissão se ferra algumas vezes, com o passar dos anos a experiência nos avisa e ensina, deixa a gente alerta.”

Espiritual

“A espiritualidade é tudo na minha vida, sou prostituta com muito orgulho há mais de 20 anos, nunca roubei, nem matei, nem tomei marido de ninguém, tudo que tenho foi com suor do meu trabalho e a minha fé.”

“Se a gente não tiver fé em algo, a gente não sai de casa nem pra comprar pão, todos os dias quando acordo peço proteção e ao me deitar quando já estou em casa agradeço a Deus por todas as bênçãos derramadas em nossas vidas.”

Cultural

“A nossa cultura europeia machista nos ensinou que meninos vestem azul, brincam de carrinho e armas. Meninas vestem rosa e balançam boneca no braço o dia todo. Quando vão ensinar que meninos e meninas podem ser, usar e brincar com o que quiserem.”

“As famílias da gente criam nós mulheres para sermos submissas aos homens, casar e nunca se separar, aceitarmos tudo de cabeça baixa, e quando lutamos contra essa maré criada pelo patriarcado, somos as loucas. Quando quebrei toda essa cultura aí, todos me chamaram de louca, eu não estou nem aí, eu quero é ser feliz.”

Histórico

“Tenho 25 anos na prostituição, fui expulsa de casa aos 15 anos, quando denunciei pra minha avó que meu tio me molestava, só ela acreditou em mim, meu avô ficou do lado do filho dele, me expulsando de casa.”

“Tenho 38 anos, estou na prostituição desde os 27 quando deixei meu marido, ele me batia muito, maltratava meus filhos, fui trabalhar no comercio e como um complemento comecei a fazer programas, e estou até hoje, tenho meu barraco, meus filhos estão comigo, vivo bem.”

Humano

“Quem eu sou na violência contra a mulher? Eu sou aquela mulher que ajuda outras mulheres a denunciarem, a nunca se calar depois de uma surra, de um estupro, vou lá na casa dela, pego na mão dela, vou na delegacia com ela, sabem por quê? Porque ninguém fez isso comigo quando eu precisei, eu sou essa mulher.”

Popular

“Quem são os outros na violência contra a mulher? Vou dizer uma coisa, eu tive apoio dos outros quando eu fui violentada, apareceu uma pessoa que me levou na delegacia, me instruiu, mas essa não é a realidade da maioria da sociedade, e quando se trata de profissional do sexo, aí é que a sociedade dá uma banana para nós em caso de violência contra nós.”

Quarto momento: Resiliência no Esperançar – percebeu-se nesse momento que as

mulheres traziam muitos relatos de esperança, cura, libertação, resiliência e superação em seu cotidiano, além das suas marcas, dores e cicatrizes que não foram trabalhadas em terapia. Segundo o grupo, algumas mulheres ainda não foram em psicólogos do Sistema Único de Saúde (SUS), na rede de atenção básica, pois devido a sua profissão, costumam sofrer julgamentos nos serviços de saúde. Porém, o que dói mais, segundo as participantes da mandala, é o preconceito da família e conhecidos, o medo da violência urbana com elas, suas filhas e netas, no entanto, não foi possível aprofundar as discussões devido ao pouco tempo.

“Eu fiz terapia, fiz num CAPS em outro bairro, onde mora a minha prima, posso garantir a todas vocês, eu nasci de novo, a psicóloga me atendia toda semana, foram dois anos eu indo lá, foi SUS e valeu a pena, pena que ela me deu alta”.

“Eu ainda não fiz terapia, achava besteira, mas depois do que eu ouvi aqui de vocês, eu vou lá também. Quem passou pelo o que passamos sabe a barra pesada que é, né? E quando o abusador é parente é pior ainda, porque você é obrigada, ainda de vez em quando, olhar pra cara dele”.

“Eu procurei psiquiatra do SUS assim que fui violentada pelo ex companheiro, sofri todas essas violências ai dessas fotos, ele levou minha moto, tomou minha casa, tentou tomar meus filhos, batia em mim, fazia sexo sem eu querer. Primeiro passei no psiquiatra porque eu não dormia, depois fiz terapia um ano com psicólogo, foi muito bom e recomendo, façam terapia.”

A execução da EPS foi construída e desconstruída juntamente com as participantes, posto que a todo momento ocorria a troca de conhecimentos e experiências, assim, a Mandala dos Saberes corroborou para que as trabalhadoras sexuais relatassem as violências sexuais que as mesmas vivenciaram. Algumas disseram ter superado seus traumas por meio de terapia com profissionais de saúde, outras relataram superação através do apoio da família, de amigos e colegas de trabalho que as acolheram após a violência. A partir dos achados o grupo pode refletir acerca da resiliência, enquanto um fenômeno promotor de fortalecimento psicossocial, possível de ser construído. Nesse ínterim, a Mandala dos Saberes pode tornar-se em uma ferramenta de intervenção, bem como, de identificação e acompanhamento dos problemas existentes para propor e aumentar a efetividade das ações, posto que o fortalecimento da rede de cuidado é imprescindível para que haja maior proteção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, é notório a vulnerabilidade das profissionais do sexo as várias formas de violência, sendo, portanto, necessário expandir a discussão sobre a temática, a fim de conscientizar a população no que diz respeito a violência contra as mulheres. À vista disso, o presente estudo, que não se esgota em si mesmo, contribuiu com ampliação do conhecimento e

empoderamento das profissionais do sexo, como também, aprofundou a discussão sobre o impacto que a violência contra a mulher causa na vida das vítimas, sendo um importante agravo de saúde e violação dos direitos humanos. Também fornece subsídios que podem fundamentar a elaboração de políticas públicas e ações, além do mais, é válido ressaltar a necessidade de mudanças culturais e educativas para o enfrentamento da violência.

Desse modo, percebe-se que o projeto de extensão fundamentado na Educação Popular em Saúde, se constitui como uma importante ferramenta para inclusão e desenvolvimento da criticidade das populações mais vulneráveis, mas também, aproxima discentes e população, contribuindo com a formação de profissionais empáticos e com um olhar voltado às questões sociais e desigualdades.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº. 11.340, de 7 de agosto de 2006.** Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htmhttp://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm. Acesso em: 25 jun. 2023.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Classificação Brasileira de Ocupações.** 3. ed. Brasília, 2010. Disponível em: https://portalfat.mte.gov.br/wp-content/uploads/2016/04/CBO2002_Liv3.pdf. Acesso em: 26 jun. 2023.

BRASIL. Secretaria Nacional de Enfrentamento à Violência Contra as Mulheres. Secretaria de Políticas para as Mulheres. Presidência da República. **Política Nacional de Enfrentamento à Violência Contra as Mulheres.** Brasília – DF, 2011. Disponível em: https://www12.senado.leg.br/institucional/omv/hp/acervo/outras-referencias/copy2_of_entenda-a-violencia/pdfs/politica-nacional-de-enfrentamento-a-violencia-contra-as-mulheres. Acesso em: 25 jun. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 2.761, de 19 de Novembro de 2013.** Institui a Política Nacional de Educação Popular em Saúde no âmbito do SUS (PNEPS-SUS). Brasília: Ministério da Saúde; 2013. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt2761_19_11_2013.html. Acesso em: 26 jun. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **Caderno de educação popular e saúde.** Brasília: Ministério da Saúde, 2007. Disponível em:

https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/caderno_educacao_popular_saude_p1.pdf.

Acesso em: 26 jun. 2023.

DE NORONHA, I. C.; JUNQUEIRA, M. A. B. Violência no trabalho de mulheres profissionais do sexo: revisão de literatura. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO. 13º, 2017, Florianópolis-SC. **Anais do XI Seminário Internacional Fazendo Gênero**. Florianópolis-SC, 2017. Disponível em:

http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499440896_ARQUIVO_ArtigoFlorianopolis.pdf. Acesso em: 26 jun. 2023.

FAGUNDES, C. M.; TORMAN, R. Considerações acerca da violência contra a mulher e as consequências psicológicas durante a pandemia de COVID-19. **Conecte-se! Revista Interdisciplinar de Extensão**, v. 6, n. 12, p. 48-65, 2022. Disponível em:

<http://periodicos.pucminas.br/index.php/conecte-se/article/view/28716/20345>. Acesso em: 26 jun. 2023.

KRUG, E. G. et al. **World report on violence and health**. Geneva: World Health Organization, 2002. Disponível

em: https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/42495/9241545615_eng.pdf. Acesso em: 26 jun. 2023.

MARTINS, C. S.; BARSCHAK, A. G.; GUTIERREZ, L. L. P. Avaliação da contribuição de intervenções de educação em saúde de um projeto de extensão universitária na qualidade de vida de cuidadoras de pessoa com deficiência. **Rev. Ed. Popular** [online]. v. 22, n. 1, p. 98-117, jan./abr. 2023. Disponível em:

<https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/67456>. Acesso em: 27 jun. 2023.

MOREIRA, I. C. C. C.; MONTEIRO, C. F. S. A violência no cotidiano da prostituição: invisibilidades e ambiguidades. **Rev. Latino-Am. de Enfermagem**, v. 20, n. 5, set./out., 2012. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rlae/a/SQXkcFZktfcPbsJThTkzs6h/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 jun. 2023.

SOUZA, T. M. C.; REZENDE, F. F. VIOLÊNCIA CONTRA MULHER: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DE PROFISSIONAIS DE SERVIÇOS PÚBLICOS. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, Londrina, v. 9, n. 2, p. 21-38, ago. 2018. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/eip/v9n2/a03.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2023.